



“A vida im’perfeita de José Redondo”

um conto sobre um homem grande e o simples universo

Se levanta o mundo novo diante dos olhos modernos.

Que nenhum homem ouse travar o avanço da corrente.

Antes se abandone no movimento, crente.

É essa a lei universal.

o vendedor de mentiras

Ao dia vinte e oito do mês, o homem maior da repartição de finanças falou ao mais pequeno. Ao dia vinte e nove, veio a carta registada com carimbo e rubrica do homem maior do que o maior da repartição de finanças. E, ao dia trinta, já José Redondo está sentado diante do vidro translúcido da sala de estar virado ao arvoredado do parque público a tomar o chá da tarde com a companhia habitual. É a mãe quem diz. Agora que tens o teu tempo para cuidar da tua vida, vou descansar da minha. E nessa mesma noite escreveu o testamento, com bens heranças e vontades. O andar num prédio da grande avenida, com vistas para o lago tão comido pelas raízes e ramos. Um curto chão na periferia, com buganvílias enlaçadas numa cerca e um moinho de vento. O automóvel com estofos de pele tratada e rádio de cassetes. A chaleira em cobre fino. O quadro oferecido pelo homem maior do exército no enterro do marido. A sepultura com a estátua em granito de um anjo acusador. E a poltrona em veludo verde musgo colocada confortavelmente perto da janela. Assim leu José Redondo ao primeiro dia do outro mês, quando a mãe terá sido levada pelos senhores da funerária com o mesmo fato e a mesma gravata do velório do senhor sargento, o pai. Em nota final, com uma caligrafia mais branda e escorregadia, que o filho continuasse a ajudar com a quantia certa de cem moedas a casa de alienados da guerra, onde o velho sargento Redondo acabou os dias a contar mortos e viúvas e que, porque ainda vai a tempo, possa ter uma mulher. Nos dias primeiros do mês, o homem filho viu o pó cair na mobília rebuscada da sua infância, cómodas e gavetas com tantas memórias e ausências. Retratos sem o pai, retratos só com o pai.



Na hora certa, quando o sol se pendurava nos ramos secos do arvoredos em Outono, José Redondo alinhava precisamente a poltrona de peludo verde musgo diante da janela mais suja. Com a mesma delicadeza, servia a infusão de ervas em duas chávenas. Ainda perguntou. A mãe supõe que seria mais contente com outra mulher, mas onde posso encontrar uma criatura bem formada que saiba conhecer a vida além do que os olhos vêem? A defunta não respondeu, mas a vista do filho caiu nos grandes edifícios levantados do outro lado do parque público. No mas íntimo da cidade, onde José Redondo decorou o número do autocarro e o nome da paragem junto da repartição de finanças onde trabalhou trinta e nove anos, estaria, então, uma possível mulher com as qualidades que sempre considerou prementes numa pessoa. Seja ela de curvaturas fêmeas ou saliências masculinas. Sete dias antes da andança, meteu-se em limpezas e consertos. Alinhou as lombadas dos livros por grandeza, os sapatos por tonalidade. Levantou os móveis e tornou a colocar nas marcas do tempo, brandiu as cortinas em floreados e endireitou as molduras antigas bem entranhadas na parede. Ao imaginar-se a cruzar com a suposta candidata, gostaria que viesse ao seu andar nos arredores e provasse os biscoitos de figo que a mãe deixou antes de morrer. Como de costume em momentos distintos, usará a grafonola. Também fará um chá pouco carregado de cavalinha e canela e, com a mulher sentada na poltrona que fora da madame senhora Redondo, apreciará à luz do sol cadente as suas feições e maneiras. A pergunta será única. O que vêes por esta vidraça? Para a mãe, diante daquela vista por mais de setenta anos, era o mundo que se apresentava nos mais distintos estados. Era como se ela lhe lesse o privado, o estado da alma universal. José Redondo estava habituado a vir do seu ofício e sentar-se tão perto a ouvir-lhe as poesias e ideias. Também a sua mulher terá de lhe contar o mundo, esse redondo de terra que sempre o afligiu e preferiu ver pelas palavras de outro latejo, mais lento e seguro. Sacudidas as poeiras e orvalhadas as plantas, engraxados os sapatos e bem esticada a camisola depois da camisa, José Redondo decidiu ser o dia certo. O céu mais pardo desenganaria a vista mais cega e tudo parecia mais claro naquela manhã.



Com as mãos levou a colónia de flores ao pescoço e bruniu com os dedos ainda perfumados o cabelo tão liso e afilado. Tossiu, ensaiou a voz. Havia dias que não falava senão com a sua consciência.

Venho pela tarde, senhora mãe. E calcou cada degrau do prédio como quem pisa o chão pela dianteira vez, com a incerteza dum velho escaldado e a leveza dum rapaz em esperanças. O porteiro ainda mais velho do que a mãe morta e o pai enterrado curvou-se na vénia do costume. Vai sair, menino Redondo? Com as rugas tão vincadas, José soltou o riso desengraçado de sempre. Será em passeio, também em labor. Conto voltar na hora do chá, com companhia. O ainda mais velho porteiro acenou, numa cumplicidade de rapazes. Bem notou o brilho nos olhos do filho dos pais defuntos, será vontade que leva no corpo já gasto. Sentou-se no banco da paragem, o autocarro veio na hora certa. Como de costume. O motorista era outro, mais jovem e desinteressado. Não disse bom dia e José terá percebido a morte do homem que o levou e trouxe por mais de cinquenta anos. Sem olhar para o relógio de pulso que já havia sido do senhor avô, levantou-se. Sabia exactamente o tempo entre um lugar e outro. Era a primeira vez que descia no lugar na cidade e não se conduzia maquinalmente ao serviço, onde exerceu a sua contabilidade com mérito mas sem reconhecimento. Nunca José Redondo se terá enganado num único número. Certo de mais. O senhor maior também assim achou, até lhe ordenar a reforma antecipada. José Redondo conformou-se, teria mais tempo para ver o arvoredo junto da sua mãe. Mas quis deus que assim não fosse e isso levava-o a aceitar melhor o pedido da senhora Redondo. Ter uma mulher. Andou mais até ao mercado, não faltariam senhoras a oferecer e outras a negociar. Raparigas e madames, vestidas com sensatez e ideias bem polidas. Na boca aperfeiçoou-se um sorriso nunca antes posto. Se o velho porteiro visse, diria amor. Que nenhuma outra coisa faz sorrir assim. Na grande praça, José Redondo parou. O coração também.



Ouviu agora o batimento da cidade, as buzinas dos vendedores de rosas, os gritos das crianças despedidas na rua, a sineta do eléctrico aligeirado, os travões dos automóveis ferinos, os vapores escaldantes dos ferros de engomar, o suor fétido dos homens das cargas, os ponteiros desacertados dos tantos relógios, as asneiras dos empregados revoltados, as ousadias dum patrão soberano, as persianas empoeiradas a serem corridas, os velhos a cuspir no chão.

Viu as saias curtas e as pernas compridas, os seios salientes das blusas justas, os homens de mão dada a outros homens, os rapazes de cabelos compridos e camisas desabotoadas, os mendigos a protestarem a esmola, os homens da guarda numa farda comida, as baratas a serem esmagadas por tacões estreitos e tortos. As sirenes dos bombeiros sem seguro de vida, as luzes cintilantes das lojas em falência, os semáforos bruscos nos cruzamentos enganadores, as máquinas frenéticas da costura em caves húmidas, os homens do correio a selarem as cartas fraudulentas. José Redondo rodopiou no próprio corpo, o peito atulhado dum ar saturado e gritou. Por favor, parem o Universo. As crianças acabaram o choro agitador, as mulheres as falas libertinas, os homens o respiro. Por momentos, ouviu-se também o silêncio do mundo. Demorado, macio. Um fio de paz. O velho encurvado que vendia jornais perguntou. O senhor quer alguma coisa? José Redondo acenou que não. Virou costas, num andamento apressado. Seguia nos sapatos bem polidos para o andar nos arredores, sem mulher nem desejo. Na cabeça, apenas aquela poltrona de veludo verde musgo e a janela virada ao arvoredado manso onde a vida se desenrola mais devagar. Quem o ouviu, ainda contou. Apenas disse. Quero apear-me.